

ESPELHO DAS ÁGUAS: TRAVESSIAS, MODIFICAÇÕES E SOCIABILIDADE NO RIO ACARAÚ, EM SOBRAL-CE

Ana Argentina Castro Sales¹
Nilson Almino de Freitas²

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência etnográfica vivida pelos pesquisadores durante a execução da pesquisa intitulada “A cidade narrada: práticas cotidianas e artes de construir a vida no urbano de Sobral”. A experiência foi compartilhada entre os pesquisadores e dois agentes sociais escolhidos durante o trabalho de campo: os canoeiros e as lavadeiras. Aqui se analisa o registrar das “artes de fazer” (CERTEAU, 1994), o dia-a-dia destes moradores da cidade que criam seu espaço de forma independente e, ao mesmo tempo, complementar aos modelos tecnocráticos de intervenção e planejamento do espaço urbano. Procurou-se descrever e analisar a construção de práticas cotidianas relativas aos usos do corpo, relações de sociabilidade e trabalho no urbano, apontando para os contrastes e tensões presente na definição de uma cultura peculiar ao meio citadino.

Palavras-chave: espaço urbano. Práticas cotidianas. Etnografia. Tecnocracia. Homem comum.

THE MIRROR OF THE WATERS: CROSSINGS, MODIFICATIONS AND SOCIABILITY IN ACARAU RIVER, IN SOBRAL-CE

ABSTRACT

This article presents an ethnographic experience lived by the researchers during the research titled as “The told city: daily practices and arts to construct the life in the urban medium of Sobral”. That experience was shared between the researchers and two social agents, chosen during the fieldwork: the boatmen and the laundrywomen. Here is analyzed the register of the “arts to make” (CERTEAU, 1994), the day-by-day of these inhabitants of the city who create its space in an independent and, at the same time, complementary form to the technocratic models of intervention and planning of the urban space. On tried to analyze the construction of daily practices relative to the body uses, relations of sociability and work in the urban area, pointing to the contrasts and tensions present in the definition of a culture peculiar to the city dweller.

Keywords: Urban space. Daily practices. Ethnography. Technocracy. Common man.

¹ Bolsista PIBIC/CNPq/UVA do projeto “A cidade narrada: práticas cotidianas e artes de construir a vida no urbano de Sobral” e responsável pelo trabalho de campo e produção de fontes da pesquisa para o artigo aqui apresentado.

² Professor de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Sobral/Ceará) e orientador do projeto de iniciação científica financiado pelo programa PIBIC/CNPq/UVA “A cidade narrada: práticas cotidianas e artes de construir a vida no urbano de Sobral”.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho aqui apresentado é um fragmento significativo de um projeto maior de pesquisa apoiado pelo PIBIC/CNPq/UVA e vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Cidades da Região Norte do Estado do Ceará, tendo como suporte técnico o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA). O título deste projeto mais amplo é “A cidade narrada: práticas cotidianas e artes de construir a vida no urbano de Sobral”. A idéia geral é tentar construir fontes de pesquisa a partir de duas formas de registro, o etnográfico e o de documentação oral, das “artes de fazer” o cotidiano por parte dos moradores da cidade de Sobral, localizada a 225 km de Fortaleza, capital do Estado.

Nesta cidade de médio porte, no final da década de 1990, a prefeitura local promoveu uma política de monumentalização de uma parte de seu espaço urbano, o que redundou no tombamento do centro urbano como patrimônio histórico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Diante desta política, Sobral ganhou uma certa visibilidade, fundamentada em imagens produzidas no sentido de justificar sua patrimonialização. Em consequência, um conjunto intervenções no espaço urbano foi acionado pelo poder público municipal, no sentido de confirmar e reforçar uma imagem de cidade bela e “moderna”. Apesar da imprecisão em definir esta modernização anunciada pelos que ocupam o poder público, parte-se aqui do pressuposto que há uma articulação muito forte entre o discurso da “tradicionalização” do espaço urbano e o da “modernização”, criando uma confusão conceitual na definição destas categorias, já que os seus contornos não estão muito claros.

Entretanto, a pesquisa, em seu objetivo mais amplo, pressupõe que o texto produzido pela tecnocracia ancorada no poder público municipal faz uma leitura da cidade produzindo uma “cidade-panorama”, ou um simulacro teórico e visual que geralmente desconhece os entrelaçamentos dos comportamentos e dos usos dos habitantes no dia-a-dia (CERTEAU, 1994). Aqui se pretende consubstanciar uma pequena parcela das inúmeras possibilidades de se ver a cidade, que não é necessariamente dicotômica à produzida pelos tecnocratas, mas mostra histórias múltiplas que se cruzam com o “saber competente”, elaborando redes de escrituras justapostas cotidianamente.

Diante da riqueza e diversidade de possibilidades de fontes a serem registradas na execução deste projeto mais amplo de pesquisa, decidiu-se partir de uma demarcação espacial específica da cidade, que é o bairro. Particularmente neste artigo, pretende-se trabalhar com agentes sociais selecionados pelos pesquisadores que vivem em um meio que é uma interface entre o sítio histórico tombado e um dos bairros da cidade: os canoeiros e lavadeiras do bairro Dom Expedito.

Os interlocutores selecionados são personagens cotidianos da chamada popularmente “margem esquerda”, um dos espaços da cidade onde o poder público municipal investiu recursos e esforços no sentido de, ao mesmo tempo, “preservar” o sítio histórico, já que se situa no seu entorno, assim como “modernizar” a cidade, já que a municipalidade propaga que a funcionalidade do local visa dar “bem-estar” aos moradores da cidade com equipamentos como restaurantes, museu, anfiteatro, quadras de esporte e passeio para caminhadas. Os canoeiros que fazem a travessia das pessoas de uma margem a outra do rio Acaraú e as lavadeiras que ficam principalmente na “margem direita” do rio, são os protagonistas deste ambiente social modificado e serão narradores privilegiados das implicações no sistema cultural deles por conta das mudanças ocorridas no espaço. O trabalho, as práticas no uso do corpo, as redes de sociabilidade serão o foco de atenção principal neste artigo.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E ESCOLHAS

Antes de tudo vale a pena contar as histórias das escolhas de percurso nas visitas feitas ao bairro Dom Expedito. Inicialmente decidiu-se, diante das inúmeras possibilidades de investigação sobre as “artes de fazer” o cotidiano (CERTEAU, 1994) neste bairro, acompanhar o dia-a-dia dos

agentes comunitários de saúde e os moradores visitados pelos agentes³ o que resultou em trabalho apresentado em encontro de iniciação científica da Universidade Estadual Vale do Acaraú por parte da bolsista de pesquisa. Logo após, diante da experiência vivida pela pesquisadora, que se envolveu de forma mais intensa com o trabalho de campo, constantemente atravessando o rio de canoa, chamaram-lhe a atenção dois personagens escolhidos para este artigo como atores privilegiados: os canoeiros e as lavadeiras. São pessoas vistas e que vêem, durante todo o dia, o vai-e-vem de suas próprias vidas e a vida de conhecidos e desconhecidos atravessando as margens. O bairro fica localizado entre as duas pontes que lhe dão acesso, mas por conta do curto tempo de “travessia” há uma preferência em chegar ao bairro pegando carona nas Canoas. Os momentos idílicos, ternos e cândidos das várias travessias proporcionam ao pesquisador a oportunidade de registrar narrativas diversas que transitam entre a ostentação de alguns ilustres moradores que freqüentam a “margem esquerda” e as tramas cotidianas dos moradores “do outro lado”, porém, ditas por estes últimos que vão à “cidade” ou à “rua” ou simplesmente ao “centro” para tratar de seus interesses particulares.

Os termos que designam o “outro lado” não são necessariamente significativos para falar de uma “outra cidade”, já que há um contraste entre a paisagem, os personagens e as práticas dos que compõem as duas margens. Entende-se aqui que o espaço urbano não pode ser conceituado como algo externo às construções cognitivas e práticas dos seus moradores, mesmo quando estes colocam outros lugares da cidade como distintos do seu lugar, como é o caso dos termos usados por aqueles que saem do Dom Expedito para a “cidade”, por exemplo. Isso porque não dá para entender a cidade sem pensar nas inflexões da memória, das práticas e das “artes de fazer” o cotidiano, de seus inúmeros moradores. A cidade e as artes de fazer o cotidiano compõem um conjunto de elementos como: uma diversidade de regras para dizer ou fazer com acerto “o que se deve fazer” em diferentes contextos, um conjunto de prescrições de um ofício cotidiano, um conjunto de saberes ou perícias em fazer coisas, uma diversidade de expressões de ideais de beleza concretizados em qualquer obra, conjunto de adornos, reunião de formas de uso de objetos, conjunto de uso do corpo nas atividades cotidianas, um conjunto das obras de uma época, em uma região ou país, habilidades, jeitos, maneiras, modos, espertezas, traquinagens, travessuras e astúcias cotidianas.

No caso de Sobral, não podemos entendê-la sem levar em consideração os moradores dos seus bairros periféricos. O Dom Expedito é exemplar neste sentido. Até porque está ao lado de uma intervenção que visa dar uma “nova leitura da cidade”, que é a obra da “margem esquerda”. Como anuncia um artigo no Jornal Municipal, órgão de imprensa da Prefeitura:

A cidade de Sobral vem, desde o início da atual administração, tomando uma nova roupagem e propiciando ao cidadão sobralense maior qualidade de vida, maior conforto e, acima de tudo, uma nova leitura de cidadania. [...] Saneamento básico é uma área que requer investimento muito alto e acaba pesando no orçamento municipal, sendo necessário parceria com o governo federal. Poucos foram os prefeitos que investiram nessa área. Isso porque é um trabalho que fica debaixo da terra e que não pode ser visto com facilidade pela população. Por isso, alguns gestores públicos preferem fazer obras faraônicas, construir prédios e casas, mas se esquecem de cuidar do principal: o saneamento básico que vai garantir melhor qualidade de vida e saúde para os moradores. Este é um bom exemplo das ações que a Prefeitura de Sobral executa e é reconhecido por toda a região, já que vem investindo pesado no saneamento e drenagem do município, sem esquecer é claro, das obras que ajudam no desenvolvimento da cidade, visíveis por toda a população. Além da área urbana, obras também estão espalhadas em vários distritos do município; escolas, creches e ruas, sem esquecer da nova rodoviária, que deverá ser inaugurada ainda em 2004. Sobral realmente está pronta para o futuro, com

³ Esta experiência inicial resultou em trabalho apresentado pela bolsista do PIBIC/CNPq/UVA, responsável pela atividade de campo, no VII Encontro de Iniciação Científica da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, em novembro de 2005. Cf. Sales, 2005.

praças reformadas, Parque da Cidade, com pista de skates, novas avenidas, Centro de Convenções, o futuro Teatro São João que será reinaugurado, a ECCOA e a Biblioteca Pública na Margem Esquerda do rio Acaraú. São milhões de reais de impostos e contribuições da comunidade sendo investidos para o desenvolvimento da sociedade e para orgulho de todo sobralense. (Jornal Municipal, setembro de 2004).

O anúncio, apesar de ter como objetivo divulgar as obras de saneamento básico na cidade, criticando administrações que privilegiam “grandes obras”, situa a “margem esquerda” no contexto de um conjunto de empreendimentos de engenharia mais amplos que visam dar uma “nova roupagem” à cidade. Entretanto, como toda e qualquer modificação no espaço, a “nova leitura” da cidadania e do espaço urbano desorienta as trajetórias usuais dos cidadãos e propicia uma nova qualificação do espaço. A pretensão dos que ocupam o poder público e pensam em modelos de intervenção no espaço é deixar Sobral “pronta para o futuro”, independente da precisão conceitual do termo. A idéia do futuro e da inoperância de governos municipais anteriores, o que é assunto recorrente no material de divulgação da municipalidade, volta a servir como ponte para justificar uma suposta “nova” visão objetivando o “desenvolvimento”.

Ironicamente o processo “modernizador” ou desenvolvimentista, instaurado na cidade, traz consigo os “detritos” que visa combater. É comum entre os moradores do Dom Expedito, na “margem direita” do rio, falarem sobre os casos de violência, fome, falta de assistência em vários setores, inerente ao inchamento populacional decorrente da leva e migrantes que chegam a cidade em busca de “uma vida melhor”. Outro exemplo é uma reportagem, dentre inúmeras outras sobre o mesmo assunto, de capa do jornal de circulação local Expresso do Norte, intitulada “Insegurança toma conta de Sobral”. Segundo o anúncio do artigo na capa “Assaltos viram rotina em Sobral” (Jornal Expresso do Norte, 3 a 9 de abril de 2004).

Neste sentido, mesmo se levasse em consideração somente uma história da produção de riqueza e crescimento econômico da cidade, o autor desta versão estaria sendo parcial, como geralmente são aqueles que se prendem a idéia de mostrar a história neste viés, se deixasse de considerar as circunstâncias históricas da tentativa de enquadramento de Sobral entre os municípios opulentos. Os moradores do Dom Expedito certamente não seriam os protagonistas nesta versão da prosperidade, se é que seriam ao menos citados como integrantes da cidade.

No caso das intervenções do poder público através de seus tecnocratas, que no caso de Sobral, a partir de 1999, vêm ancorando suas iniciativas na idéia de modernização e preservação da tradição, o morador, deste e de outros bairros que abrigam pessoas menos abastadas, são geralmente tidos como “público alvo” ou “usuários” de políticas públicas diversas, o que corresponde a um sentido atribuído de passividade deles diante das administrações do espaço implementadas pelos técnicos.

Acontece que a escala de tempo e espaço do “homem comum” não é a mesma da tecnocracia ancorada na prefeitura municipal. As histórias e práticas acionadas pelos moradores da cidade não refletem imediatamente as idéias e modelos construídos para pensar o espaço dos agentes do poder público. No bairro Dom Expedito, é comum moradores afirmarem que antigamente o rio era melhor por fatores como a possibilidade de se plantar em suas margens em momentos de fluxo de água menos intenso, favorecendo um rendimento extra para a família, as praias que surgiam para o lazer eram bastante freqüentadas, a facilidade na travessia em épocas de seca era maior, dentre outros argumentos que vão de encontro à obviedade da idéia de “modernização” pensada como inerentemente e incontestavelmente boa.

O artigo “Saneamento e lazer resgatam rio Acaraú”, publicado no jornal de circulação local Expresso do Norte, parece expressar bem esta desconexão entre os argumentos do poder público e as lembranças de alguns moradores do Dom Expedito:

Marcada a inauguração, haverá show público com o cantor Daniel. A obra, que foi orçada em quase R\$ 5,5 milhões, além de sanear a margem esquerda do rio, pretende realizar a reconciliação da cidade com o rio, integrando o centro histórico, tombado pelo IPHAN, à margem oeste do Acaraú, com a construção

de uma área de lazer com relevante aporte paisagístico, numa área total de 3,5 hectares... De acordo com o Secretário de Desenvolvimento de Infra-estrutura Quintino Vieira, a nova obra, além da importância urbana por conta do saneamento, será mais um cartão postal da cidade. “Já estava na hora de Sobral resgatar o valor histórico do rio Acaraú, que foi o berço do desenvolvimento da cidade”, diz o secretário, garantindo que a obra estará pronta no prazo previsto. (Jornal Expresso do Norte, 18 a 24 de outubro de 2003, p.6).

Para que “reconciliação da cidade com o rio” o artigo chama atenção? Os freqüentadores assíduos, que usavam o rio, não poderiam ser considerados como integrantes da cidade?

Foram estas as questões que levaram aos pesquisadores conhecer melhor alguns moradores deste bairro, principalmente aqueles que estão nas suas margens de forma mais constante, inclusive usando o rio como forma de sobrevivência, que são os canoeiros e as lavadeiras. A etnografia e o registro de narrativas foram as formas escolhidas para tal empreitada. A idéia era observar este conjunto disperso de elementos que compõem o espaço sem tentar encaixar o que foi registrado em um modelo de síntese sistemática hermeticamente fechada, definitiva e necessária, pautada em construções teóricas essencialistas e substancialistas que geralmente delimitam e definem o espaço urbano através de oposições binárias, como campo (rural ou sertão) *versus* cidade (urbano), público *versus* privado, dominante *versus* dominado. No modelo de análise realizado, estas oposições se diluem e só aparecem ocasionalmente no registro cotidiano das práticas, astúcias e táticas de sobrevivência de pessoas que criam seu cotidiano todo tempo, fazendo com que estas categorias percam sua rigidez e apareçam em contextos onde há tentativas de classificação social por parte destes sujeitos selecionados.

Portanto, não há síntese final nesta análise; só há conceptualizações mais ou menos singulares e universais, no sentido de que elas possam ser aproveitadas e adaptadas a outros contextos. Desta forma, tenta-se estabelecer as bases da análise de imagens multifacetadas e complexas do espaço urbano. Isso porque aqui se parte do pressuposto de que a cidade é muito mais do que uma estampa que tem a pretensão de representar exatamente ou analogicamente um ser-cidade produzida por um “saber competente”, apesar de esta estampa ser importante referência para qualquer um de seus habitantes.

Não se trata aqui de se fazer uma oposição entre a perspectiva tecnocrática do espaço e a do “homem comum”, mas sim entendê-las como dimensões que se misturam e, em muitos casos, se confundem, formando concepções e imagens dinâmicas de cidade que estão todo tempo em tensão. As imagens vividas têm como substrato o indivíduo particular. Este destaca elementos específicos do espaço urbano e o representa como totalidade, ressaltando peculiaridades decorrentes de afecções vividas em relação com outros, com as coisas e com o ambiente. A imagem racional tem como substrato uma composição técnica planejada por vários indivíduos. Esta última abre ausências no continuum urbano total através de generalizações teóricas que pretendem ser uma forma de percepção não particular, mas geral. A relação entre os dois processos, o racional e o vivido, constrói significados urbanos a partir de “ilhas isoladas” e, ao mesmo tempo, singularidades aumentadas (CERTEAU, 1994). Neste movimento aparentemente contraditório, caracterizado por “inchações”, diminuições, retóricas teóricas e racionais, fragmentações vividas cotidianamente, os sujeitos sociais elaboram culturalmente uma caracterização espacial com citações justapostas com “buracos”, lapsos e alusões a outros espaços urbanos, construindo um conceito dinâmico de cidade que está constantemente em tensão e mudança. Foram estes pressupostos que orientaram a pesquisa neste bairro que devem ser agora apresentados ao leitor.

BAIRRO DOM EXPEDITO: DESCRIÇÃO DO ESPAÇO

O nome do bairro é uma homenagem ao bispo D. Francisco Expedito Lopes, nascido em Sobral, que foi assassinado em 1957 pelo padre Hosana de Siqueira e Silva, em Garanhuns, Pernambuco. Dom Expedito é um bairro com aproximadamente 4.164 habitantes, com uma média de 4,63 moradores por residência (IBGE, 2000).

Cerca de 71,1% dos habitantes do local moram em residências próprias, 91,31% têm acesso ao abastecimento de água da rede geral, 69,24% têm o lixo coletado pelo serviço de limpeza pública, apesar de 30,19% ainda queimá-lo ou enterrá-lo nos quintais, ou ainda jogá-lo em terrenos baldios, no rio ou em outros lugares. Com relação ao saneamento básico, somente 8,21% dos moradores têm acesso à rede de esgoto pública. Cerca de 62,51% dos moradores possuem fossas ou escoam em valas, no rio ou outros locais os seus dejetos sanitários. Com relação ao tipo de domicílios particulares permanentes, 99,4% dos moradores moram em casas, sendo que 49,47% dos moradores não possuem banheiros em suas residências. Cerca de 51,51% dos moradores são mulheres e 48,49% são homens; 51,71% dos moradores têm até 24 anos de idade, 39,43% possuem entre 25 e 59 e 8,84% têm mais de 60 anos, caracterizando uma população bem jovem. As estatísticas também mostram um bairro pobre, denso e cheio de complicações no que se refere aos indicadores apresentados.

Apesar dos indicadores favoráveis no que se refere ao abastecimento de água e propriedade da casa, não se pode deixar de levar em consideração neste segundo indicador que houve uma ocupação desordenada e não planejada do espaço, demonstrado pelo arruamento irregular, com ruas que oscilam na sua largura. A regularização do arruamento foi feita após a construção das casas, o que, com o tempo, forçou uma regularização da posse da propriedade pela administração pública. Fez parte das imagens e vivências experimentadas pelos pesquisadores o registro de uma ocupação de um terreno no bairro por várias famílias, o que vai demandar, no futuro, uma nova tentativa de regularização da propriedade e revisão do arruamento, forçando a construção de um novo mapa do bairro, o que parece uma constante, não só deste bairro, em particular, mas de outros bairros com moradores com menos recursos econômicos para participar como clientes do mercado imobiliário.

Este bairro em constante modificação está enquadrado nos limites entre o Rio Acaraú, Riacho Várzea Grande (antigo Oiticica), ponte Othon de Alencar e BR-222. Dentre estes limites do bairro, o Rio Acaraú será cenário, no decorrer deste trabalho, de histórias de vidas contadas sob um sol escaldante e motivo de tanto suor que sai dos poros das pessoas que aqui serão o ponto central dessa versão: os “canoeiros” e as “lavadeiras”. Pessoas que estão, diariamente, fazendo desse espaço cheio de águas sujas uma forma de ganhar um “dinheirim” ou até mesmo “esquecer os problemas”. É aqui, nas margens do Rio Acaraú, que homens e mulheres passam manhãs e tardes tendo duas visões distintas: a visão da própria margem do bairro (“margem direita”) e a visão “do outro lado” – a margem esquerda. Margens estas que são demasiadamente próximas uma da outra e demasiadamente diferentes em seus aspectos físicos, urbanísticos, sociais e ambientais.

O que fazem cotidianamente os canoeiros e as lavadeiras nas margens do rio? Como usam seu corpo em suas práticas? Quais seus instrumentos e como usam? Como suas histórias fazem pensar as modificações urbanísticas implementadas nos últimos dez anos? O que os levou a serem peças fundamentais no cenário de um rio que garante para si e para a família, em alguns casos, um pouco mais de alimento em casa? O que essas pessoas fazem quando não estão às margens do rio? O que pensam do processo de urbanização ocorrido na margem que fica logo ali em frente? Que mudanças ocorreram no cotidiano destas pessoas após a intervenção do poder público? Qual a relação desses agentes com o rio? Essas perguntas podem ser tidas como um dos motivos específicos deste artigo que levou a querer saber um pouco da vida dessas pessoas o que demanda uma apresentação inicial dos recursos materiais e simbólicos presentes em suas realidades.

CANOAS E CANOEIROS: “NAVEGAR É PRECISO”

Em meio ao vai-e-vem das canoas em busca de “passageiros” é que se escutam as muitas falas, não só dos canoeiros, mas das pessoas que fazem uso desse tipo de transporte que não parece oferecer nenhum tipo de segurança para os passageiros e nem para o canoeiro, se registrar a inexistência de coletes salva-vidas ou outros tipos de recursos geralmente usados e recomendados por especialistas em caso de acidentes. Um dos canoeiros chega a contar inúmeras

histórias de afogamentos e fatalidades, porém isentando o meio de transporte e tomando como culpado o próprio rio, a imprudência das pessoas ao nadar ou a forma como se comportam dentro da canoa. Ele chega a dizer que soube somente de um caso em que a embarcação virou, não por imprudência do canoeiro, mas por teimosia das pessoas que vinham nela e não queriam ficar sentadas por causa dos bancos molhados, provocando o desequilíbrio da embarcação e a morte de uma menina de 15 anos por afogamento. Quando perguntado sobre a possibilidade de acidentes, diz que “[...] é a primeira, eu nunca tinha visto; eu estou com 62 anos que boto canoa e nunca vi uma canoa virar.” (Entrevista com “seu” Valécio, realizada no dia 25/03/2006).

As canoas medem aproximadamente, segundo os próprios canoeiros, “vinte e nove palmos de comprimento e nove palmos de largura”, e isso equivale a mais ou menos cinco metros e meio. As embarcações são feitas de uma madeira denominada “pau branco”, que pode ser encontrado na própria cidade de Sobral, segundo “seu” Valécio. Elas têm em média uns 20 anos de uso e seus fabricantes faleceram e não há mais quem “faça canoa” e sim quem as “remonte”. A organização desta atividade depende do dono da canoa, que contrata temporariamente uma pessoa para ajudar quando não possui parentes capazes de auxiliá-lo.

Atualmente são duas canoas que fazem o trajeto de uma margem a outra, trajeto esse que dura em média uns três minutos. Dentro de cada canoa há três remos, mas segundo “seu” Valécio, um dos canoeiros, “é prá ter cinco”, que só são utilizados quando o rio está muito cheio ou, como fala outro canoeiro, “quando o rio está bebendo água”. Os remos também são feitos de pau branco e são utilizados, tanto pelos canoeiros que ficam acorados ou sentados, quanto pelos passageiros, sejam eles homens, crianças, mulheres que, talvez com o intuito de dar uma ajuda ao canoeiro ou com intenção de chegar mais rápido ao outro lado, também utilizam esse equipamento e só param ao som do “tá bom” dito pelo seu condutor. Uma vara, do mesmo tipo de madeira, com mais ou menos uns três metros, também é utilizada para movimentar a embarcação, mas somente o canoeiro pode usá-la. Esse equipamento serve para a canoa ganhar velocidade. Logo na saída da canoa, a vara é empurrada contra o fundo do rio quando esta ainda o alcança. Depois é utilizado o remo. Algumas garrafas ou garrafões de plástico cortados ao meio fazem parte dos equipamentos e são utilizados para tirar a água que entra dentro da canoa, fato esse recorrente. As canoas estão sempre com furos, talvez por conta do tempo de uso, o que facilita a entrada de água. Elas têm três pedaços de madeira que servem de assento e são postos de uma ponta a outra na medida da largura. Cada tábuca deve ter em média um metro e meio. Há ainda no interior da embarcação alguns pedaços de estopa usados para colocar entre as aberturas e buracos que surgem ocasionalmente na canoa.

Os canoeiros levam em suas canoas umas dez a doze pessoas, bicicletas, caixas, objetos dos passageiros, dentre outras coisas. A canoa é um lugar para todos, não havendo restrições no seu uso. Adultos, idosos, crianças, estudantes, desempregados, vendedores, mães, solteiros, ciganos, crianças que vendem dindin⁴ convivem em um espaço de conversas várias, de confissões, de desabafos, de risadas, paqueras, discussões, piadas, lembranças, recados, cumprimentos entre pessoas que estão em canoas distintas.

São três minutos de travessia que parecem dar a impressão de um mundo a navegar. Mundos vários se misturam em um pequeno, apertado e quente transporte coletivo. De uma margem a outra se vêem as diferenças paisagísticas existentes. A “margem esquerda”, suntuosa, limpa, bonita, com seu museu, anfiteatro, biblioteca, ciclovia e pista para caminhada com transeuntes vários: babás, estudantes, turistas, aumentam a atenção para o também conhecido “outro lado”, ou “margem direita”, que é o seu oposto, por ser feia, suja, pobre, sem equipamentos vistosos. É o que se vê quando nos deparamos diante das “margens”: diferenças sociais e na paisagem. Há também diferenças ambientais, já que é visível a água parecer beijar de um lado a outro o calçadão da “margem esquerda”, enquanto as muitas águas-pé (vegetação constante e típica de águas poluídas) acumulam-se na “margem direita”, não havendo muita preocupação do poder público em retirá-las, a não ser quando invadem a “margem esquerda”.

⁴ Espécie de suco de frutas congelado em pequenos sacos plásticos.

A “passagem” cobrada pela travessia é de vinte centavos. Alguns moradores dizem que “pagam depois”, outros dão vinte e cinco centavos, outros dão menos, outros não pagam. E assim, os canoeiros vão ganhando um “trocadim” que, para um deles, chega, em média, ao montante de quinhentos reais mensais.

Com relação ao uso do corpo em suas atividades, perguntado a “seu” Valécio se sentia alguma dor no corpo por conta do esforço repetitivo e diário, respondeu: “Nunca fui num médico, não teve precisão [necessidade]”. (Entrevista realizada com Valécio Anselmo Boto, no dia 25 de março de 2006). Alguns se protegem do sol apenas com um chapéu de palha, um boné, óculos escuros, calça comprida. Outros simplesmente não se protegem. Sem camisa e sem chapéu, vão contornando o vento e seguindo sem pressa ao lugar onde a canoa encontra a areia.

Segundo os canoeiros, havia no passado umas dez canoas. O “seu” Valécio chega a dizer que já teve vinte canoas. Em 2005, início desta pesquisa, eram três canoas. Em 2006, quando ocorre a diminuição das canoas para somente duas, os nove canoeiros dividiam-se em horários distintos. Uma delas era utilizada apenas pelo seu dono, “seu” Valécio. A outra pertence ao Sr. Chagas, que aluga por R\$ 5,00 ao dia para o Sr. Ivan, apenas no período da manhã. O “remonte” nesta última é responsabilidade de seu dono, que é sempre auxiliado por membros da família. No período da tarde e noite essa mesma canoa é utilizada pelos outros sete canoeiros, que são filhos e netos do dono da canoa, que exerceu esta atividade durante 30 anos. Eles começam a transportar às seis da manhã e terminam às nove horas da noite. Alguns têm outras atividades paralelas como forma de ganhar dinheiro, que variam entre um pequeno comércio em casa, trabalho na indústria ou mesmo uma aposentadoria.

Os canoeiros parecem ser pessoas bastante informadas sobre a vida de seus passageiros. É comum ouvi-los fazer comentários sobre horários, atividades profissionais, casamentos, separações ou a vida escolar de seus passageiros. Eles também dão conselhos, avisos e informações várias, como mudança de clima. Parecem até “profetas” das águas, sempre informando quando vai chover ou fazer sol. Também definem e julgam a personalidade ou atitudes de seus passageiros. São mediadores de reconhecimento e conhecimento de pessoas, preceitos morais, histórias e fofocas, reforçando laços de sociabilidade entre diferentes frequentadores de suas embarcações.

Parece irônico o fato de trabalharem sobre muita água, já que quase não procuram matar sua sede durante o tempo de trabalho. Quando não há um ou nenhum passageiro é que eles dirigem-se a casa de um de seus companheiros de labuta que fica ali mesmo a margem do rio e tomam um ou dois copos d’água. Quando aparece alguém vendendo dindin eles compram um, para se refrescarem diante de tanto calor.

Nem todos os canoeiros são moradores do bairro, mas esses já foram antigos moradores, como é o caso de “seu” Valécio e Roberto. O “seu” Valécio, por exemplo, já morou tanto nas margens que delimitam o Dom Expedito, quanto em uma área próxima à rodoviária, do lado esquerdo da margem, que foi desapropriada para a reforma deste local de chegada dos ônibus interurbanos. Inclusive, praticamente, segundo o que conta, foi um dos primeiros moradores do bairro. Já Roberto saiu do Dom Expedito porque sua casa ficava à margem do rio e fazia parte da “área de risco” nos períodos de enchente, sendo alvo da intervenção da Prefeitura Municipal de Sobral que, através de um processo de desapropriação, o retirou de lá, assim como moradores de outras 12 residências.

Os canoeiros, portanto, servem de ponte entre os moradores do Dom Expedito e a “cidade” ou a “rua”. Convivem com outro personagem marcante nesta paisagem: as lavadeiras. É delas que vai se tratar a seguir.

ARTES DE LAVAR OU “BATER” ROUPA NAS ÁGUAS DO RIO

Um outro personagem que é visto diariamente nas margens do rio Acaraú são as lavadeiras. Mulheres jovens ou idosas compõem o cenário daqueles que “precisam” ou “gostam” de fazer do rio um lugar para ganhar dinheiro ou, simplesmente, passar o tempo. No caso das lavadeiras, diferentemente dos canoeiros, muitas delas passam manhãs inteiras lavando roupas ou

até mesmo louças ou “vasias [vasilhas]” por simples prazer. É o caso de Dona Maria. É nas águas barrentas, sujas e poluídas do Rio Acaraú que muitas fazem desses momentos o trabalho, o lazer e o prazer. Algumas dizem possuir água encanada e “pia boa” (lavatório de louça) em casa, mas preferem lavar seus objetos domésticos e suas roupas no rio. Talvez por costume, já que algumas nasceram e se criaram nos arredores do rio. Algumas, as mais idosas, já lavaram roupa “prá fora”, mas atualmente só lavam suas próprias roupas e a de seus familiares.

As lavadeiras que lavam “prá fora” cobram de R\$ 5,00 a R\$ 25,00 por “trouxa”, e quando há redes a serem lavadas, é cobrada uma taxa de R\$ 2,00 para as redes “finas” e R\$ 2,50 para as redes “grossas”. Dona Antônia chega a dizer que faz outras trocas além da compensação por dinheiro. Segundo ela, que tem outra renda além da lavagem de roupa:

Para ajudar no dinheirinho que eu ganho que é meio salário, se vier uma pessoa com uma rede para lavar e disser assim: “Eu lhe dou um quilo de feijão”, eu lavo. Se vier uma pessoa com uma trouxa de roupa também para lavar eu lavo. E se vier uma pessoa e dizer: “faça isso assim, assim, uma comida, qualquer coisa que lhe dou tanto”, também faço. (Entrevista com Dona Antônia, em 20 de abril de 2006).

Parece ser recorrente entre elas uma diversificação de atividades, no sentido de conseguir o sustento mensal. Entretanto, utilizam-se para lavar as roupas ou as louças, de baldes, bacias, sabão em barra e faca para cortar o sabão. Quando chegam ao rio, procuram um lugar “bom” para trabalhar. Um lugar com esta qualificação pode ser definido como um que não tenha muito mato (água-pé) e onde a água não esteja tão “barrenta” (suja). Após localizarem esse lugar, sentam-se em pequenas pedras que já se encontram dentro do rio, bem na margem, e que foram colocadas por elas. Antes de começar a lavar, separam as roupas em brancas e “de cor”. Primeiro lavam as brancas. Caso haja, as redes são as primeiras a serem lavadas, para pegar mais sol no momento de “quarar” (pegar um sol para clarear antes do enxágüe). Juntam as roupas umas sobre as outras e jogam água sobre elas com a palma das mãos. Quando as peças estão bem molhadas começam a passar o sabão em barra. Algumas preferem esse tipo de sabão ao em pó. Ensaboam todas as roupas, depois enxáguam e põem para secar nas pedras reservadas somente para esse processo. As roupas têm um lugar específico para “quarar” e um outro para “secar” ou enxugar. Próximo à beira do rio há pedras grandes que, dependendo da quantidade de mato ou sujeira que houver nelas, servirá para uma das duas coisas. Pedras mais sujas servem para “quarar” e as pedras mais limpas servem para colocar as roupas para secar. Essas pedras funcionam como um varal. A bacia e o balde são utilizados apenas para levar as roupas de casa para o rio e do rio para casa. As que moram muito próximas às margens do rio deixam as roupas secando ali mesmo, as demais levam para secar em casa. É o caso de Dona Ritinha, que ocupa todo o seu quintal com varais de roupa lavada.

A sujeira é freqüente na margem direita. As roupas são lavadas, quaradas e enxutas em meio a lixo, esgoto a céu aberto e animais, como cachorros, porcos e baratas. Cachorros bebem a água do rio e ainda tomam banho a poucos metros do lugar onde a lavadeira, sentada, lava as roupas. Chegou-se a ver um cachorro urinando em cima de uma trouxa de roupa que estava para ser colocada para “quarar”, fato este banalizado por aqueles que assistiam ao acontecido. Com relação à sujeira, Dona Ritinha enfatiza que a água corrente é suficiente para limpar o rio. Por ter uma correnteza maior, ela prefere lavar próximo à “ponte velha” (Otho de Alencar), onde tem uma barragem construída para reter a água e formar o lago que compõe a paisagem entre as margens.

Algumas dessas mulheres tiveram e têm o rio como parceiro para ajudar a criar seus filhos. Sem marido e sem emprego era, e é, nas águas do Rio Acaraú que algumas delas conseguem alimentar e ajudar a família a sobreviver. Nessa empreitada financeira algumas ainda, além de lavar roupas “prá fora”, “engomam” (passam) e vendem produtos de beleza de revistas. Algumas são viúvas, outras foram “deixadas” pelos seus maridos e há ainda as casadas que ajudam a complementar a renda familiar. Uma delas perdeu o marido, que morreu afogado no

rio. Diante desses fatos, o rio parece ser ao mesmo tempo sinônimo e lembrança de vida e morte, de limpeza e de sujeira.

Uma delas não se considera lavadeira, acredita que “lavadeira é aquela que tá todo dia aqui no rio. “Eu só venho uma ou duas vezes”. A mesma lavadeira fala: “Ave Maria, eu gosto muito de lavar roupa”, ou seja, o fato de não se considerar lavadeira não interfere ou diminui o prazer de estar no rio e fazer parte de sua paisagem. Outra lavadeira fala de uma maneira que parece demonstrar muito orgulho, tanto da profissão como do rio que a ajuda a viver: “Eu criei meus cinco filhos aqui.”

É assim, em meio à dicotomia sujo e limpo, tanto no que se refere ao rio quanto às roupas, que essas mulheres, sob o sol forte que é uma constante nessa cidade, fazem das suas manhãs nas margens do Rio Acaraú um bom motivo para “esquecer problemas” e ganhar dinheiro.

O DESCORTINAR DAS RELAÇÕES SOCIAIS NAS ÁGUAS: AFINIDADES, DESEJOS, MEMÓRIAS E PAISAGEM

Nos inúmeros encontros com estes personagens escolhidos como foco de análise, foram observadas semelhanças com relação a algumas práticas cotidianas e narrativas que valem a pena ser exploradas. Além de ambos serem personagens vistos diariamente no rio, parecem ser bastante informados a respeito da dinâmica das relações sociais constituídas neste espaço liminar entre o bairro e o suporte paisagístico digno de cartão postal da “margem esquerda”. Talvez sejam mais do que isso. Parecem ser mediadores de relações de conhecimento e reconhecimento social daqueles que passam de uma margem para outra. Apesar de o foco de atenção serem os moradores do Dom Expedito, que são os mais assíduos freqüentadores das margens, a visão sobre a cidade aparece de uma forma mais ampla, pois o leque de relações se estende a “clientes” e passageiros que não são necessariamente só do bairro. Eles funcionam como uma ponte entre o Dom Expedito e o restante da cidade, no que se refere ao fortalecimento de relações sociais amplas e saberes sobre acontecimentos dentro e fora do bairro.

Suas narrativas são recheadas pelo recurso da construção de uma autoridade não só de capacidade de registro e reprodução de histórias, mas também de competência para avaliações morais com relação à conduta daqueles que passam ou que ficam no bairro. A idéia que transmitem é de que o pioneirismo de suas vivências neste local legitima suas versões, avaliações e histórias sobre os outros e sobre o próprio bairro. Os mais velhos, por exemplo, quando falam da chegada ao Dom Expedito, remetem a uma imagem de local inexplorado, a ser dominado pela urbanização, onde a cidade está por chegar. Constroem uma imagem de desolação, distância do “mundo civilizado”, um anterior, um antes que deve ser desbravado e de certa forma colonizado. Dona Ritinha, “seu” Valécio, Sra. Antônia, Sra. Francimar, dentre outros canoeiros e lavadeiras mais idosos, criam narrativas onde aparecem como pioneiros nesta empreitada e, ao mesmo tempo mostram-se como aventureiros, o que demanda coragem para uma vida cheia de dificuldades, das quais heroicamente vão se safando e vivendo como dá.

Nas suas narrativas eles aparecem como os primeiros a abrir e descobrir o caminho através de uma região mal conhecida. São os exploradores do desconhecido e precursores. Entretanto, falam de um tempo primeiro que lembram com saudosismo de determinadas práticas peculiares que hoje já não existem mais. A insegurança criada por atitudes violentas testemunhadas por eles são citadas como peculiares ao tempo presente. A própria passagem pela “ponte nova” (Euclides Ferreira Gomes) em direção ao centro passa a ser um percurso a ser evitado, diante de casos de assalto no passeio de pedestres, recorrentemente contados por moradores do bairro. Apesar destas evitações recomendadas pelas narrativas, parece ser recorrente uma tentativa de associar essas práticas a moradores de outros lugares, dentre eles o bairro vizinho Tamarindo, do outro lado do rio, que vem perturbar a paz de quem inadvertidamente passa pela ponte.

O saudosismo remete a um tempo em que a experiência parece se distanciar de uma urbanização que compõe “sinais” estranhos de orientação que aparecem com as inovações

tecnológicas, o movimento intenso de pessoas, a organização na direção de fluxos, o planejamento de adequações de espaços e definição de funcionalidades. O centro, nesta construção do seu local como diferente, vira “a rua” ou a “cidade”. Aparece como um outro lugar, diferente do seu. A urbanização aparece como algo estranho, perturbador e, em alguns momentos, um empecilho. Como já dito, a obra da “margem esquerda”, por exemplo, reconfigurou o espaço de tal forma que determinadas práticas recorrentes passaram a não ser possíveis, como fazer pequenas plantações de subsistência nas margens secas do rio, que era comum em determinados períodos do ano com escassez de chuva, ou o lazer costumeiro nas duas margens, com banhos e brincadeiras que só eram possíveis nas praias formadas pelo leito irregular e assoreado. A diversificação de atividades antes realizadas por alguns canoieiros, por exemplo, que ficavam um período do ano sem “botar canoa” de uma margem para outra, trabalhando em outras coisas, agora não é mais possível, diante da demanda ininterrupta criada pelo controle do fluxo de água do lago formado pela barragem vertedouro, construída abaixo da ponte Otho de Alencar.

Na construção e na idealização da cidade, eles não aparecem como coadjuvantes ou “público alvo”, passivo e receptor das ordenações compostas pela tecnocracia. Eles são atores principais; os nomes dos “grandes vultos” ou mitos fundadores do local e da cidade acabam sendo bem diferentes dos “grandes vultos de Sobral” registrados nos livros didáticos de história local utilizados pelo sistema de ensino municipal⁵. Apesar disso, estes nomes sempre remetem a autoridades dos proprietários de terras ou de pequenas e médias indústrias instaladas no bairro, o que não está distante da idéia passada pelo termo “vultos históricos”, pois são sempre citados como se fossem conhecidos de todos aqueles que moram na cidade e que devem ser lembrados por suas contribuições para a população local, muitas vezes classificada como “ajuda”. Esta pode ser assim denominada por determinadas práticas, como doação de um terreno para construção da casa própria, oferecimento de emprego, dentre outras. Portanto, a elite econômica aparece nas narrativas dos canoieiros e lavadeiras, mas aquele que é seu vizinho ou conhecido do bairro, ou ainda do dono do terreno, onde trabalha, que nem sequer mora em Sobral, mas em Fortaleza. Os nomes de políticos locais também aparecem, mas sempre como coadjuvantes de histórias nas quais o personagem principal é seu narrador. “Seu” Valécio, por exemplo, quando comenta a possibilidade de retirada dos canoieiros de sua atividade, fala do momento em que conversou com o então prefeito Cid Gomes (mandatos 1997/2000 e 2001/2004). Nesta conversa ele pergunta ao prefeito sobre a possibilidade de modificações na dinâmica de sua atividade. A resposta foi tranquilizadora para o canoieiro, já que o prefeito afirmou que eles não seriam retirados dali, o que logo foi difundido para os demais.

Entretanto, observando este e os outros depoimentos, podemos ver que alguns deles se aproximam em determinados momentos e se distanciam em outro, de acordo com a especificidade de relações que compartilham na cidade. Penso que são expressões não só de biografias individuais, mas também mostram indícios e circunstâncias de vivências possíveis no espaço urbano, que não podem ser enumeradas, mas qualificadas como tipos possíveis. Não são os únicos, mas são significativos, e nos levam a pensar uma série de práticas pertinentes para relativizar ou confirmar a perspectiva histórica da monumentalização da cidade e a idéia de modernização, assim como a versão recorrente nos livros de historiadores locais de uma história recheada de prosperidade econômica.

Wirth (1976), apesar de considerar a cultura urbana como variável independente e determinante do comportamento humano, desconsiderando o envolvimento construtivo, criativo e astuto dos agentes sociais no cotidiano, chama a atenção para aspectos importantes que devem ser levados em consideração sobre o modo de vida nas cidades. Para ele, o aumento do número de habitantes em mais de algumas centenas limita a capacidade de cada um conhecer todos os outros, o que provoca uma segmentação das relações humanas e a constituição de relações menos intensivas. Isso, segundo o autor, provoca relações de dependência restritas a atividades do outro, constituindo-se contatos secundários, pragmáticos, impessoais, superficiais e

⁵ Cf. Caracristi e Saboya, 2002.

transitórios. O indivíduo, neste tipo de relação, ganha um certo grau de liberdade dos controles pessoais e emocionais por parte de grupos íntimos, o que caracteriza o individualismo. Nesta perspectiva, o reconhecimento visual ganha força. A imagem da pessoa, e não sua personalidade, é que anima o sucesso nos vários campos de sociabilidade.

A dinâmica social montada pelos canoieiros e lavadeiras flexibiliza estas peculiaridades de uma suposta “cultura urbana”, quando a “cidade” e a “rua” designam um outro lugar, que seria o centro de Sobral, diferente do espaço social construído no bairro. Neste último, o reconhecimento visual e o individualismo ganham novos contornos. Isso porque seus moradores, tanto são obrigados a estabelecer relações de dependência restrita a atividades desempenhadas por cada um em seu cotidiano, sustentadas em contatos secundários, menos enquadrado em relações primárias, quanto, no bairro, há uma necessidade de reconhecimento e controle de conveniências relativas à conduta em casa e fora de casa, aproximando seus moradores em contatos mais íntimos do que os estabelecidos com pessoas fora do bairro (MAYO, 1994). A própria configuração de construções de casas conjugadas, com poucos cômodos, favorecendo escutas e olhares de intimidade, fortalecem relações menos efêmeras, quando comparadas às estabelecidas com pessoas que moram em outros lugares. As relações de vizinhança, portanto, são mais próximas, tanto espacialmente, quanto no que se refere à necessidade de comunicação e acionamento de falas “sobre a vida alheia”.

Os personagens selecionados são especialistas em matizar e avaliar histórias vividas por inúmeros usuários de seus serviços, a maioria deles moradores do Dom Expedito, justamente pelo intenso fluxo de pessoas que passam ou se relacionam com eles. Eles também se enquadram na ambigüidade das relações peculiares a uma suposta “cultura urbana” e um outro tipo de costume no campo das redes de sociabilidade. Até espacialmente, em seus ofícios, vivem esta liminaridade, pois se encontram entre as margens do Rio Acaraú que divide o bairro e a “margem esquerda”. Desta forma, tendem a imprimir uma conduta peculiar a esta situação, segundo a qual, pelo menos no exercício de suas funções, constroem um ideal de conduta moral e responsabilidade que serve de matriz para avaliar seus interlocutores no cotidiano. Este ideal não pode denegrir suas imagens enquanto profissionais e seus ofícios.

Neste sentido, tendo consciência da responsabilidade de sua conduta, os canoieiros e lavadeiras passam a organizá-la racionalmente, tendo em vista atingir determinados fins materiais para satisfazer sua necessidade de auto-afirmação. Esta racionalização serve também para explicar a conduta e a imagem que tentam passar de si, enquanto corretos em suas práticas e eficazes em seus ofícios. A água não aparece como poluída na lavagem de roupa, nem as canoas viram. É nesta perspectiva que a idéia de projeto trabalhada por Gilberto Velho (VELHO, 1999b) se apresenta. Para este autor, o processo de construção de identificação individual de si, necessária para viver no mundo contemporâneo, se alimenta de uma memória do passado aprendido socialmente, assim como de um projeto que sua percepção como singular no mundo o obriga a conceber, para poder viver neste modelo de sociedade. Portanto, como lembra Gilberto Velho, o projeto individual tem uma historicidade, pois se desenvolve em um campo sócio-cultural.

Neste sentido, o indivíduo, na sua experiência de vida em sociedade, define um estilo e um tipo de visão do real, respeitando algum nível de especificidade espacial, temporal e pessoal, implicando uma “adesão” significativa por parte dele a um modelo de orientação da conduta individual, possibilitando a demarcação de fronteiras. Portanto, o projeto é uma âncora identitária não absoluta, fazendo-o membro de um grupo, sem deixar de lado a dimensão da percepção de si como ser singular.

É nesta perspectiva, diante da construção da imagem de si, que o canoieiro e a lavadeira podem conhecer e expor seu mundo, artisticamente, pintando, apagando, colando por cima e montando de formas distintas o espaço citadino, que é muito mais do que um mapa fixo e estático no tempo e no espaço. São também práticas nas quais o corpo e a mente estão presentes na construção de marcas distintivas do local de atuação e da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARACRISTI, Isorlanda; SABOYA, Giovana. **Descobrimo e construindo Sobral: conhecimentos de Geografia e História**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico brasileiro**. Brasília: IBGE, 2000.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. 3.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p.90-113.